

Implicações atuais do debate entre Herskovits e Frazier sobre os africanismos

ALEXANDRE ALMEIDA MARCUSSI*

Em 1941, o antropólogo norte-americano Melville Herskovits viajou para o Brasil para realizar uma pesquisa de campo a respeito da cultura afro-brasileira, com especial interesse nos cultos religiosos. Ele acabara de publicar, naquele mesmo ano, aquela que se tornaria sua obra mais clássica sobre as culturas afro-americanas: *The Myth of the Negro Past* (1990). Quase ao mesmo tempo, outro grande expoente dos estudos sobre os negros nos EUA, o sociólogo Edward Franklin Frazier, também realizou pesquisa de campo com comunidades negras na Bahia, abordando especialmente as estruturas familiares nessas comunidades. Apesar da coincidência tanto temática quanto cronológica, os resultados dessas pesquisas mostraram-se frontalmente divergentes: enquanto Frazier chegava à conclusão de que os padrões de organização das famílias negras baianas não guardavam características das estruturas de parentesco africanas, Herskovits afirmou justamente o oposto, sugerindo que as formas aparentemente europeias dessas famílias ocultavam orientações africanas profundas.

A divergência sobre a família afro-baiana pode parecer um episódio pontual diante do amplo escopo das análises dos autores. Contudo, ela era apenas um capítulo especialmente acalorado num debate maior em que os dois autores se envolveram durante os anos 1940. Os contornos desse debate são facilmente reconhecíveis para todos os estudiosos do campo das culturas afro-americanas: em linhas gerais, enquanto Frazier defendia o desaparecimento das culturas africanas no Novo Mundo, Herskovits sugeria que as culturas negras em toda a América eram pontuadas de sobrevivências africanas. Muitos consideram o debate encerrado definitivamente, em favor da posição de Herskovits. Este breve estudo pretende sugerir, contudo, que a discussão está longe de ter se resolvido de forma satisfatória. Não pretendo, evidentemente, voltar a defender a posição de Frazier, e nem mesmo a de Herskovits, mas quero atentar para as nuances do debate para mostrar que ele levanta questões sérias que, em larga medida, ainda estão em suspenso nos estudos afro-americanistas.

* Doutorando e mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A pesquisa que resultou neste estudo teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Herskovits apresentava sua obra sobre as culturas afro-americanas como uma crítica ao “mito do passado negro”, uma construção ideológica que postulava uma ruptura definitiva da cultura dos negros americanos com o passado africano. Essa postura estava enraizada entre alguns intelectuais norte-americanos da época, o mais notório dos quais era provavelmente Frazier. Na obra *A família negra nos Estados Unidos*, publicada em 1939 (dois anos antes de *O mito do passado negro*), Frazier defendera que a herança cultural africana não havia deitado raízes nos Estados Unidos, pois a memória cultural dos africanos teria se fragmentado e perdido definitivamente devido às circunstâncias históricas envolvendo a escravidão:

fragmentos de memórias, que formam apenas uma parcela insignificante do crescente corpo de tradições das famílias negras, são tudo o que resta da herança africana. Provavelmente nunca antes na história um povo foi tão completamente privado de sua herança social quanto os negros trazidos à América. (FRAZIER, 1939)

A justificativa dessa perda irrecuperável das tradições africanas, para Frazier, poderia ser encontrada na heterogeneidade cultural dos escravos transportados à América, nas circunstâncias desse transporte e na vida social sob o regime da escravidão nos EUA. Vindo de regiões muito distantes entre si, os escravos não compartilhavam traços culturais comuns. Mais decisivo que isso, porém, era o fato de que os africanos recém-chegados aos EUA eram divididos entre várias propriedades com escravarias relativamente reduzidas, minimizando a convivência entre indivíduos que tivessem as mesmas origens e maximizando a aculturação, ou seja, a assimilação da cultura euro-americana, ao promover um convívio próximo com os brancos. O resultado desse processo, para Frazier, só poderia ser uma profunda alienação cultural dos negros.

Privados de sua herança cultural, os negros teriam permanecido em um estado de anomia social e cultural, vivenciando uma situação de vácuo de valores e cultura. Para Frazier, As restrições do escravismo nos EUA impuseram aos escravos a destruição e o esquecimento de toda cultura africana funcional, restando apenas alguns traços dispersos e fragmentados, sem coerência. Por conta disso, todos os valores que regeriam a recomposição de suas relações sociais e instituições teriam de ser absorvidos a partir da convivência com os brancos, o que teria ocorrido de forma mais rápida e intensa no caso dos escravos que conviviam mais proximamente com seus senhores brancos (FRAZIER, 1939: 23-41). O processo culminaria na formação de famílias mistas,

normalmente derivadas de relações afetivas entre senhores e escravas, com uma prole mestiça (FRAZIER, 1939: 62-85). Portanto, para Frazier, os valores necessários à reconstrução de uma vida social plena, saída de um estado de anomia, teriam de ser absorvidos a partir da cultura euro-americana.

O principal argumento de Herskovits contra essas teses era a ideia de que os escravos vinham de áreas relativamente restritas do continente africano, existindo princípios culturais que eram amplamente compartilhados por toda a área do tráfico, o que ele chamou de uma “gramática da cultura” africana. A existência dessa base cultural comum teria permitido que costumes e valores de culturas africanas sobrevivessem e fossem compreendidos e adotados mesmo pelos africanos cuja ascendência étnica era distinta (HERSKOVITS, 1990).

No entanto, Herskovits também reconhecia que a absorção dos valores e costumes europeus era uma realidade. Ele caracterizava a formação das culturas afro-americanas como um processo de *aculturação*, de acordo com a terminologia da antropologia culturalista à qual se filiava. Esse processo teria sido mais ou menos intenso de acordo com a história de cada região: nos locais da América onde a densidade populacional de escravos africanos havia sido maior, os contatos com os brancos teriam sido minimizados, redundando em maior grau de preservação das culturas africanas. Isso lhe permitiu elaborar o que ele chamou de uma “escala de aculturação”, na qual seria possível localizar cada região de acordo com o grau de preservação das culturas africanas ou, contrariamente, de absorção da cultura euro-americana pelos negros (HERSKOVITS, 1990).

O que é mais decisivo de sua argumentação, porém, é o fato de que, mesmo nas regiões “mais aculturadas” de acordo com essa escala (o norte dos EUA era o maior exemplo), a cultura africana ainda sobreviveria sob a forma de valores subjacentes em fenômenos culturais que só seriam europeus na aparência exterior. Seguindo as indicações do culturalismo de Boas, Herskovits afirmava que os fenômenos culturais podiam ser divididos em formas exteriores e valores profundos, os quais que ele chamou de “sanções”. Ele afirmou que a formação das culturas afro-americanas podia ser descrita, na maior parte dos casos, como um processo de absorção de formas euro-americanas adaptadas a sanções ou valores profundos africanos que foram mantidos intactos. Por isso lhe parecia inadmissível afirmar, como fazia Frazier, que a aculturação

dos negros norte-americanos teria levado a um desaparecimento completo das culturas africanas: elas ainda sobreviveriam no plano mais profundo da vida cultural dessas comunidades (HERSKOVITS, 1990).

Essas críticas de Herskovits não alteraram fundamentalmente a posição de Frazier. Em obra posterior a *O mito do passado negro*, Frazier não apenas reafirmou seus pontos de vista fundamentais como também elaborou sua própria crítica a Herskovits. O autor relativizou algumas das posturas mais radicais que defendera anteriormente, reconhecendo sobrevivências africanas parciais em algumas camadas da população, e importantes vínculos com o passado africano no caso de outras regiões do Novo Mundo fora dos EUA. Diante dos dados a respeito do tráfico e das culturas africanas trazidos por Herskovits, minimizou o papel do tráfico de escravos e da heterogeneidade cultural no enfraquecimento da memória africana, priorizando os aspectos econômicos e institucionais do problema: o fator crucial repousaria no sistema econômico da plantation norte-americana, no qual as pequenas propriedades e a convivência com os brancos não teriam garantido aos africanos condições de isolamento suficientes para que preservassem sua cultura africana (FRAZIER, 1949: 3-21).

Para Frazier, a obra de Herskovits só demonstrava a impossibilidade de traçar correspondências concretas entre traços das culturas afro-americanas nos EUA e culturas africanas particulares, diferentemente do que ocorria em outras regiões onde os africanismos eram bem mais evidentes. Ele não via fundamento científico sólido nos africanismos profundos, “gramaticais”, ou seja, nos valores africanos que Herskovits identificara subjacentes a formas culturais euro-americanas. Frazier atribuía esses valores não a uma continuidade com o passado africano, mas antes à influência do contexto histórico americano sobre os costumes das comunidades negras. Por exemplo, a centralidade da mãe nas famílias negras havia sido atribuída, por Herskovits, a uma sobrevivência do papel da mãe nas sociedades africanas patrilocais e poligâmicas, nas quais os filhos de várias mulheres com o mesmo homem precisavam disputar o afeto do pai, o que reforçava o vínculo afetivo com a mãe. Para Frazier, contudo, isso se explicaria de forma mais satisfatória pelo fato de que a escravidão tendia a desagregar famílias, reduzindo os laços afetivos aos mais essenciais, como aqueles entre mãe e filhos.

Nos Estados Unidos, não é possível e nem necessário procurar uma explicação para a dominação do homem ou da mulher na organização familiar dos Negros em supostas sobrevivências da organização social africana. A importante posição da mãe na família Negra dos Estados Unidos desenvolveu-se a partir das exigências da vida no novo ambiente. (FRAZIER, 1949: 13-14)

A divergência em torno da família afro-baiana deve ser compreendida como um momento desse debate mais amplo, uma instância em que os autores discutiram suas teses a partir de um exemplo concreto. A Bahia era um terreno decisivo para o debate, já que, em contraste com os EUA, era reconhecida por ambos os autores como uma das regiões mais intensamente africanizadas das Américas. Para Herskovits, tratava-se de uma oportunidade para mostrar como costumes de origem evidentemente africana (como o candomblé) apareciam associados a formas culturais que, apesar de sua aparência euro-americana, tinham valores africanos profundos e integravam-se a uma visão de mundo coerente. Para Frazier, por sua vez, se a análise do material afro-baiano se evidenciasse a ausência de uma organização familiar africana em uma região tão intensamente africanizada, isso reforçaria ainda mais sua tese em relação à família negra nos EUA.

A polêmica se travou entre 1942 e 1943, no periódico *American Sociological Review*. Frazier publicou uma breve análise da relação entre a herança cultural africana os padrões de organização das famílias negras em Salvador, muitas das quais estavam envolvidas diretamente com o candomblé e faziam parte do “povo-de-santo”. Sua conclusão foi a de que, apesar das evidentes sobrevivências de aspectos da cultura africana nas manifestações religiosas, não teria sido preservada a estrutura da família africana, devido à mobilidade social da população e à miscigenação racial. O padrão de organização das famílias negras pesquisadas se assemelharia ao de outras comunidades populares e camponesas, sendo uma espécie de “organização espontânea” surgida da acomodação às condições da sociedade brasileira (FRAZIER, 1942).

Em artigo publicado em resposta, Herskovits divergiu frontalmente das conclusões de Frazier, advogando que os padrões de relacionamentos informais observados entre as famílias estudadas e a ligação afetiva privilegiada entre a mãe e as crianças deviam ser compreendidos como governados por sanções ou valores subjacentes africanos, remetendo à poliginia vigente nas sociedades africanas. Ele ainda argumentou que os laços familiares eram, muitas vezes, sustentados por práticas

religiosas e concepções acerca das relações com os ancestrais, num complexo cultural coeso (HERSKOVITS, 1943a). Por sinal, ele voltaria a defender a associação entre candomblé e parentesco em outro artigo resultante de seu estudo de campo no Brasil, mas desta vez em relação ao batuque de Porto Alegre, sugerindo o papel dos cultos aos antepassados nas relações familiares (HERSKOVITS, 1943b).

Herskovits criticou Frazier por atentar apenas para os aspectos exteriores das instituições familiares, não reconhecendo a continuidade com a cultura africana no âmbito dos valores. Em tréplica, Frazier argumentou que os tipos de associações familiares que ele encontrou entre as famílias estudadas não podiam ser atribuídos à sobrevivência de sanções ou valores associados a costumes africanos, pois estariam igualmente presentes nas camadas populares da população branca e em outras sociedades ao redor do mundo. Para ele, esse comportamento familiar relacionava-se não à cultura africana, mas antes aos contextos históricos e sociais:

não encontrei nenhuma evidência de que seu comportamento fosse devido a costumes africanos. Homens e mulheres brancos das classes baixas formam exatamente o mesmo tipo de uniões. Esse comportamento se desenvolveu entre os brasileiros de classes baixas por causa de certos fatores sociais e econômicos. [...] Eu ainda estou convencido de que as influências africanas desapareceram como um todo, e de que o tipo de organização familiar que encontramos entre os negros que estudei se desenvolveu em resposta às condições econômicas e sociais do Brasil. (FRAZIER, 1943: 403-404)

Na realidade, o que Frazier rejeitava era o rigor científico da concepção herskovitsiana dos valores culturais profundos, demasiadamente difíceis de serem demonstrados com clareza. De fato, Frazier não reconhecia a separação entre formas exteriores e significados íntimos de um elemento cultural. Isso fica claro, por exemplo, em sua argumentação a respeito dos negros libertos nos EUA: para ele, os libertos que se agrupavam em comunidades relativamente segregadas dos brancos (mas ainda no interior da sociedade escravista), não teriam conseguido absorver plenamente os valores da cultura euro-americana, alcançando apenas uma imitação exterior do modo de vida dos brancos, o que não facilitou sua assimilação à cultura americana. Não se tratava, nesse caso, de formas externas adotadas da cultura branca convivendo com valores e princípios organizativos africanos; pelo contrário, a vida cultural dessas comunidades seria um mero simulacro, uma forma vazia de conteúdo.

Essa recusa da distinção entre manifestações externas e valores internos não é fortuita. Antes, ela remonta ao diálogo que Frazier mantinha com outro intelectual norte-americano chamado Robert Park, que publicara suas teses no final da década de 1910. Assim como Frazier, Park defendera a desintegração das culturas africanas durante o tráfico e o escravismo. Contudo, havia entre os dois autores uma divergência crucial: Park assumia pressupostos racialistas a respeito das características dos negros. Para ele, parecia claro que o comportamento dos negros nos EUA divergia daquele dos brancos, o que poderia ter duas explicações diferentes: ou as diferenças podiam ser explicadas pela influência de tradições culturais herdadas da África, ou então derivavam de temperamentos inatos determinados racialmente. Quando Park advogou a destruição completa da herança africana, elegeu a segunda explicação como chave para compreender as comunidades negras. Para Park, toda raça possuiria um temperamento inato que lhe seria próprio. No caso dos negros,

Este temperamento, como eu o concebo, consiste em algumas características elementares mas distintivas, determinadas pela organização física e transmitidas biologicamente. Essas características se manifestam numa disposição geniosa, alegre e sociável, em um interesse e apego a coisas externas e físicas em vez de estados subjetivos e objetos de introspecção; numa disposição para a expressão em vez do empreendimento e da ação. (PARK, 1919: 10)

Os negros, privados de sua tradição cultural, teriam absorvido inteiramente os elementos da cultura europeia, mas estes teriam sido inevitavelmente modificados e transformados pelo temperamento africano:

O significado interior, o sentimento, a ênfase, a cor emocional que essas formas assumiram como resultado de sua transferência do homem branco para o Negro, esses foram próprios do Negro. Eles representam seu temperamento – seu temperamento modificado, no entanto, por sua experiência e pelas tradições que ele acumulou neste país. O temperamento é africano, mas a tradição é americana. (PARK, 1919: 11)

O argumento de Park inscrevia-se em um debate polêmico, e bastante vincado ideologicamente por interesses das camadas dominantes, a respeito da *assimilabilidade do negro* na sociedade norte-americana. Tratava-se de saber, fundamentalmente, se o negro poderia chegar a ser plenamente aculturado como um cidadão idêntico aos brancos no seio da nação norte-americana, ou se ficaria perpetuamente localizado em

um universo mental, cultural e comportamental apartado. Park, como se vê, opta pela segunda opção: o temperamento dos negros, por ser biologicamente determinado, condena-os a um padrão de comportamento sempre distinto daquele dos brancos. Embora Park não chegue a explicitá-lo, é evidente que esse padrão de comportamento supostamente típico dos negros – alegre, apegado à externalidade e desinteressado da introspecção (e portanto, adicionaríamos, do exercício da racionalidade) – era visto como inferior ao dos brancos, justificando um estatuto de minoridade civil que se refletia no regime norte-americano de segregação racial.

Frazier, ele próprio um intelectual negro que dominava as ferramentas das ciências sociais ocidentais, se localizava exatamente no polo oposto desse debate. Para ele, a aculturação do negro não apenas era possível como era um fenômeno quase plenamente desenvolvido entre as camadas sociais mais abastadas da comunidade negra, que tinham mais acesso à cultura dominante. A assimilação do negro era um processo real e em curso, e os entraves à sua concretização derivariam muito mais da própria segregação do que das características mentais e culturais das comunidades negras. Quando Frazier enfatizava a morte absoluta das culturas africanas na América, queria ressaltar que os negros tinham começado a absorver a cultura euro-americana e se integrar à sua sociedade, ainda que em diferentes ritmos.

É dentro dos quadros desse debate que podemos apreciar melhor as críticas de Frazier a Herskovits. Ao divergir decisivamente da linha de argumentação racalista de Robert Park, Frazier fora levado a rejeitar a distinção entre “formas exteriores” e “temperamentos” que seriam próprios dos negros. A argumentação de Herskovits, a despeito de sua posição claramente contrária ao racismo, colocava a questão sob um ângulo perigosamente próximo ao de Park: na medida em que os africanos eram portadores de valores africanos profundos e estáveis (a “gramática”), as formas europeias seriam sempre ressignificadas por esses valores subjacentes. Nesse caso, era difícil conceber como teria ocorrido, então, a aculturação do negro, no sentido de uma assimilação dos valores euro-americanos. Herskovits indicava a aculturação do negro como um fato, mas sua descrição geral do processo de reinterpretação apontava para outra direção, e sugeria que os afro-descendentes talvez *sempre* fossem ter seu comportamento íntimo guiado por diretrizes e valores africanos, estranhas à cultura euro-americana. No limite, o aparato conceitual criado por Herskovits indicava, mais

uma vez, uma relativa inassimilabilidade do negro do ponto de vista cultural profundo. Essa era uma contradição que o autor jamais chegou a resolver em sua obra.

Diante dessa insuspeitada aproximação entre as implicações da reflexão de dois intelectuais com orientações tão radicalmente opostas no tocante às questões raciais (na medida em que Herskovits sempre foi um crítico do racismo), ganha relevância o paralelo estabelecido por Stocking Jr. entre as teorias racialistas e as ideias culturalistas num nível lógico. Ambas as correntes remontavam a uma tradição de pensamento particularista, que procurava enfatizar não os aspectos comuns e universais ao gênero humano, mas justamente os aspectos particulares característicos de determinados agrupamentos humanos. A diferença crucial, evidentemente, é que o pensamento racialista radicava essas particularidades na biologia, enquanto o culturalismo boasiano e herskovitsiano a radicou no solo da cultura (STOCKING JR., 1982: 214). O mesmo pode se aplicar à relação entre Park e Herskovits: ambos buscavam definir o que seria o “temperamento” estável dos africanos e afro-descendentes, mas enquanto Park recorria à biologia, Herskovits recorria à cultura, definindo essa tendência particular e perene através da noção de “gramática” das culturas africanas.

Como afirmei, o debate entre Herskovits e Frazier frequentemente é encarado como tendo sido definitivamente decidido – a favor de Herskovits e da cultura africana na América. Contudo, essa querela também pode ser lida de forma a evidenciar as profundas dificuldades ocasionadas pelo emprego do aparato conceitual herskovitsiano no estudo das situações de aculturação sem que isso implique a inassimilabilidade do negro. Penso que essas contradições do pensamento herskovitsiano – em especial a contradição entre a persistência de valores africanos e a adaptação a valores da sociedade euro-americana – não são questões “superadas” no debate contemporâneo. Sob outras formas, assumido novas roupagens e adotando novas terminologias conceituais, essas questões persistem ainda, em grande medida, em aberto, assombrando a historiografia afro-americanista e suas acaloradas discussões a respeito da sobrevivência das culturas africanas nas Américas. Acredito que um exame atento da literatura afro-americanista revela que os problemas subjacentes a essas construções teóricas continuam bastante vivos e estão longe de terem sido solucionados

Hoje em dia, os termos nos quais Herskovits elaborou suas reflexões – aculturação, assimilação, sobrevivências, africanismos – podem parecer datados.

Contudo, sua obra continua sendo uma importante influência para os estudos sobre as culturas afro-americanas e continua inspirando perspectivas de análise. Não quero com isso sugerir que se deva retornar a Herskovits em busca de modelos teóricos e metodológicos para serem aplicados nos estudos contemporâneos. Pelo contrário, é preciso retornar a ela justamente para reconhecer com mais clareza os problemas lógicos presentes em seu modelo, bem como sua sofisticação conceitual, que pode ficar obscurecida pelo emprego de uma terminologia que nos soa arcaica. Pois negar a importância dos problemas herskovitsianos e considerar sua obra como superada só traz o risco de que se chegue, mais uma vez e inadvertidamente, aos mesmos impasses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAZIER, Edward Franklin. Rejoinder. In: HERSKOVITS, Melville. J. The Negro in Bahia, Brazil: a problem in method. *American Sociological Review*, Washington: American Sociological Association, v. 8, n. 4, p. 394-404, Aug. 1943.

_____. The Negro family in Bahia, Brazil. *American Sociological Review*, Washington: American Sociological Association, v. 7, n. 4, p. 465-478, Aug. 1942.

_____. *The Negro Family in the United States*. Chicago: The University of Chicago Press, 1939.

_____. *The Negro in the United States*. New York: The MacMillan Company, 1949.

HERSKOVITS, Melville J. *The myth of the negro past*. Boston: Beacon Press, 1990.

_____. The Negro in Bahia, Brazil: a problem in method. *American Sociological Review*, Washington: American Sociological Association, v. 8, n. 4, p. 394-404, Aug. 1943.

_____. The southernmost outposts of New World africanisms. *American Anthropologist*, Arlington: American Anthropological Association, v. 45, n. 4, p. 495-510, Oct.-Dec. 1943.

PARK, Robert E. The conflict and fusion of cultures with special reference to the Negro. *The Journal of Negro History*, v. IV, n. 2, abr. 1919. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/dirs/2/1/0/9/21093/21093.txt>>. Acesso em: 17 setembro 2009.

STOCKING JR., George W. *Race, culture, and evolution: Essays in the history of Anthropology*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1982.